



*Renato Barboza, sociólogo da Organização Não Governamental - ESPIRAL - (Março/98)

Educação Preventiva nas Escolas

Nas últimas duas décadas muito se tem falado sobre a necessidade da implantação de projetos e programas de prevenção em unidades escolares, destinados principalmente ao público adolescente e aos demais segmentos da comunidade escolar como educadores, coordenadores, diretores, pessoal de apoio e pais.

Apesar dos esforços de vários governos em investir na área de educação preventiva, principalmente nos últimos dez anos, nosso país ainda deixa muito a desejar, atingindo uma parcela pequena da rede de ensino público. O estado de São Paulo, destaca-se como uma das regiões do país onde houve o maior investimento técnico, político e de recursos humanos, materiais e financeiros nessa área.

Portanto, como nosso país não possui uma “cultura preventiva” temos muito que caminhar na construção de uma Política de Educação Preventiva adequada ao nosso contexto escolar. Nesse sentido, a importação de modelos de atuação de outros países, principalmente o norte americano que tem uma tradição na área de prevenção de drogas, mostrou-se ineficaz em nossa realidade.

É importante ressaltar que a UNESCO afirma que a Escola é um espaço privilegiado para prática preventiva, pois as relações que lá se estabelecem constituem um terreno fértil para refletir e agir acerca de temas relativos a demanda social atual. Entre esses, destacamos o uso indevido crescente de drogas lícitas e ilícitas, o aumento da incidência de doenças sexualmente transmissíveis e principalmente a Aids e a gravidez precoce, além de outros elementos relacionados ao desenvolvimento da sexualidade na população adolescente.

Muitos educadores e pais sentem-se despreparados para lidar com essas demandas, sendo urgente a instrumentalização de recursos humanos para o planejamento, execução e avaliação de ações preventivas. É importante que todos os segmentos da comunidade escolar sejam capacitados, definindo planos de ação e competências diferenciadas que garantam ações contínuas e processuais nesse campo.

Além da capacitação é necessário que a unidade escolar construa coletivamente um projeto de prevenção, a partir de um diagnóstico preciso onde seja possível identificar a demanda e estabelecer prioridades. A etapa seguinte consiste na elaboração de objetivos que possam ser traduzidos num conjunto de ações que envolvem tanto os aspectos técnico científicos relativos aos temas (DST/Aids, Drogas, Sexualidade e Adolescência), quanto a oportunidade de debates e discussões sobre valores e atitudes que permeiam essas questões. Não se deve esquecer, que o plano deve contemplar a avaliação de todas as ações realizadas e também o seu registro adequado, para sistematizar essa produção e ao mesmo tempo contribuir com a memória da atuação preventiva naquela comunidade.

A prevenção não se esgota na transmissão de informações técnicas, porque essas isoladamente não mudam comportamentos socialmente construídos. Esse fato pode ser observado em relação a realização de palestras que na maioria das vezes são iniciativas isoladas e só fazem aumentar a ansiedade dos educandos e dos educadores que por um lado, sentem-se aliviados porque está se fazendo algo, mas por outro continuam despreparados para assumirem seu papel

de “agentes preventivos”. Portanto é necessário adotar uma metodologia participativa que integre elementos do cotidiano dos educandos, oportunizando a assunção de um papel ativo no processo ensino-aprendizagem.

Acreditamos na força e no potencial transformador da instituição escola, mas para tanto é necessário que as práticas de ensino sejam revistas, bem como a relação professor-aluno e principalmente que a escola recupere sua função social e sua identidade, através do amadurecimento da filosofia norteadora do seu projeto político-pedagógico.

Os novos Parâmetros Curriculares Nacionais, instituídos pela última versão da Lei de Diretrizes e Bases do MEC- resgatam a coerência da abordagem integrada, através da inserção de temas transversais como ética, educação para a saúde e orientação sexual, permeando as diversas áreas do conhecimento e da vivência escolar.

Atualmente o referencial que orienta os programas de prevenção nas áreas da educação e saúde é o conceito de vulnerabilidade que articula três elementos dinâmicos que estão inter-relacionados e não podem ser pensados isoladamente. Então, toda ação preventiva deve pensar o indivíduo, considerando sua história de vida, seu nível de informação, seu estilo de vida e comportamento; não esquecendo que ele faz parte de um contexto social, que pode permitir ou dificultar sua participação e inserção social a serviços de saúde/educação/cultura entre outros; e finalmente o aspecto institucional que é responsável pelo planejamento e execução de programas, projetos e serviços que oportunizam o aumento da reflexão e o acesso a insumos de prevenção, como por exemplo preservativos gratuitos na unidade de saúde local.

Princípios da Educação Preventiva Integral

- A escola deve atuar no campo da prevenção primordial e primária; não é seu papel tratar casos de DST/Aids, drogas ou problemas relacionados à sexualidade. É necessário acolher alunos nessas situações, para poder encaminhá-los a serviços que tem essa competência.
- As ações preventivas devem ser contextualizadas, respeitando-se a realidade histórica, política, e sócio cultural onde a escola está inserida.
- As ações desencadeadas devem reduzir a vulnerabilidade nos planos individual, institucional e social.
- As atividades devem fazer parte do projeto pedagógico e serem desenvolvidas por professores de todas as disciplinas (interdisciplinaridade).
- Todos os segmentos da escola (direção, coordenação, professores, funcionários, alunos e pais) devem estar envolvidos;
- A parceria com segmentos da comunidade é essencial (ONGs, Saúde, Conselhos Tutelares, Segurança Pública, Promoção Social, entre outros).
- A pedagogia adotada deve ser a problematizadora, através de um planejamento participativo, garantindo em todos os níveis o trabalho coletivo.
- As ações preventivas devem fazer parte do cotidiano da escola, sendo desenvolvidas continuamente, uma vez que ações voltadas para valorização e melhoria da qualidade de vida, só surtem efeitos a longo prazo.
- Temas como DST/Aids, Drogas, Sexualidade devem ser abordados não só no seu aspecto técnico, mas também, na discussão democrática de valores e atitudes inerentes aos mesmos, onde todos possam ter voz, vez e voto no exercício da cidadania, da ética e da solidariedade;
- É fundamental que a realidade onde a escola está inserida seja diagnosticada para que o planejamento, execução e avaliação do programa de educação preventiva, seja adequado à demanda local;

- Todo trabalho de prevenção sempre é intencional, portanto a escola deve refletir continuamente acerca do seu papel na sociedade, garantindo um programa que seja compatível com a filosofia adotada, na busca da transformação social.
- O papel da escola deve ser a promoção da prevenção e não da repressão.

Aspectos importantes para orientar ações preventivas

Drogas

A abordagem preventiva não deve ser amedrontadora, mas sim baseada em informações técnicas e discussão de valores e atitudes, sempre relacionando três aspectos intrínsecos: a droga enquanto substância, seus efeitos e classificação; o indivíduo em sua integralidade e as motivações para o uso/abuso; o contexto social, em seus aspectos históricos-políticos-econômicos, além das políticas de prevenção, repressão e tratamento oferecidas pelas instituições competentes.

As principais drogas consumidas por estudantes são o álcool, o tabaco, os solventes e os tranqüilizantes, ou seja drogas lícitas.

Deve-se ter cuidado para não reforçar pré-conceitos em torno desse tema. Há vários tipos de usuários de drogas (experimentadores, ocasionais, habituais) e uma minoria de pessoas que por razões muito particulares se torna dependente, de acordo com os estudos da literatura nessa área.

Quanto aos casos de usuários, a família sempre deve ser avisada para que juntos (educadores, pais e usuários) possam buscar alternativas de encaminhamentos, fundamentados na objetividade de condutas e procedimentos éticos e sigilosos, que minimizem a vulnerabilidade dessa situação para todos.

DST/Aids

A abordagem preventiva não deve ser centrada apenas no uso do preservativo, apesar desse ser o único método que previne ao mesmo tempo, doenças sexualmente transmissíveis, Aids e gravidez precoce; sendo o melhor método para adolescentes em função de suas características psicossociais.

A prevenção, assim como no caso das drogas, deve promover o fortalecimento da auto estima do jovem para que possa lidar com situações de risco no seu cotidiano, além de aumentarmos também seu nível de informações sobre esses aspectos. É importante abordar essas questões com naturalidade e objetividade, pois principalmente a Aids não é e nunca foi uma doença de grupos de risco, sendo que todos somos vulneráveis às DST/Aids.

Lembrar que a Aids não oferece risco de transmissão social, portanto podemos conviver na escola e na sociedade em geral com portadores e doentes. Exames sempre devem ser feitos com acompanhamento de profissionais da área da saúde e que essa escolha é sempre individual. Ninguém em hipótese alguma pode ser obrigado a se submeter a qualquer exame laboratorial.

Bibliografia

Projeto Escola é Vida, SEE/FDE-SP, 1994

Papel da Educação na Ação Preventiva ao Abuso de Drogas e às DST/AIDS / Cibele de Moraes Amaro [et al.] - Série Idéias Nº 29 - SEE/FDE-SP, 1996

Bucher, Richard. Prevenção ao Uso Indevido de Drogas - Cadernos de Ensino à Distância - UNB-DF, 1989